

## O PROBLEMA DO INFIXO EM PORTUGUÊS

Valter Kehdi\*

**RESUMO:** Neste artigo, faz-se o levantamento das diferentes propostas de existência de infixos em português, acompanhadas dos comentários críticos correspondentes. O objetivo é mostrar que provavelmente não existe, em nossa língua, esse tipo de morfema.

**Palavras-chave:** infixo, alternância vocálica, fonemas de ligação.

Muitas gramáticas e dicionários especializados vêm se preocupando com a depreensão de infixos em português. Dada a diversidade dos casos apresentados, é oportuno que se faça um levantamento do que se escreveu sobre esse tema, o que nos possibilitará realizar uma análise crítica das diferentes propostas.

Cumpre, inicialmente, estabelecer o conceito de infixo em que nos baseamos, o que não é problemático, pois a maioria dos manuais e dicionários de Lingüística está de acordo em caracterizar o infixo como o morfema que se introduz no radical, diferentemente dos prefixos e sufixos. O exemplo mais freqüente é o do elemento nasal que figura no interior do radical de alguns verbos latinos e cuja função é caracterizar as formas do Inflectum, em oposição às do Perfectum, desprovidas de nasal: *uiNco/uici*<sup>1</sup>. Em português, a extensão da nasal a todo o paradigma fez com que esta passasse a ser elemento integrante do radical: *venço/venci*. Dessa forma, a impossibilidade de transposição do exemplo latino para nossa língua acabou constituindo um estímulo para a investigação da existência de infixos em português.

\* Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Essa observação é válida do ponto de vista do latim clássico. Numa perspectiva indo-europeística, a questão é bem mais complexa, relacionada ao fenômeno do "alargamento". Cf. Meillet & Vendryes (1960, §238, p.156-7).

Inicialmente, foram consideradas como infixos as consoantes de ligação: *capin-z-al*. Essa posição já se encontra em João Ribeiro (1906, s.v. *infixo* (p.180-1)); a *Gramática portuguesa*, de Mário Pereira de Souza Lima, bem posterior à obra de J. Ribeiro, com uma bibliografia notavelmente atualizada para a época de sua publicação, continua considerando o /z/ de ligação como infixo (1945, §261 (p.113)). Observando-se, contudo, que, em *capinzal*, o /z/ se pospõe ao radical e não tem valor significativo, conclui-se que constitui, na realidade, um exemplo de consoante de ligação, como bem o notou Mattoso Câmara no *Dicionário de fatos gramaticais* (1956, s.v. *infixo* (p.124)). A influência de M. Câmara faz-se sentir na Nomenclatura Gramatical Brasileira, em cuja segunda parte – *Morfologia*, no item A. *Estrutura das palavras*, se reconhecem como afixos apenas os prefixos e os sufixos, apontando-se em seguida a existência de vogais e consoantes de ligação, posição mantida pelas gramáticas portuguesas posteriores à NGB.

Convém, todavia, reconhecer que, a rigor, os fonemas de ligação representam exemplos de “morfes vazios” em português, segundo a designação proposta por Hockett (1947, §15 (p.333)). Trata-se de elementos desprovidos de sentido, que não pertencem a nenhum morfema do vocábulo; com efeito, a ocorrência de *capim* e de *-al*, sem *-z-* (cf., para *-al*: *bananal*, *laranjal*, *tomatal*), leva-nos a depreender, em *capinzal*, o morfe vazio /z/. Posteriormente, propôs-se a integração desse elemento ao sufixo, que passava, assim, a apresentar-se sob a forma de variante: *-al/-zal*.

Em seu artigo “Sobre a formação de palavras com prefixos em português actual”, Li Ching (1973, §16 (p.213)), ao elencar alguns pseudo-prefixos do português - *aéro-*, *foto-*, *micro-*, etc. (p. ex., em *aeroclube*, *foto-câmara* e *microagulha*), afirma:

“O terminus *-o-*, que é o eixo mais importante nesta série, é uma espécie do infixo da composição que se encontrou há muito tempo, sem dúvida nenhuma, nas formações adjectivas (cf. *lusobrasileiro*, *lusoespanhol*, etc.)”.

Ora, considerando que o infixo só pode figurar no interior de radical, os exemplos acima não nos permitem reconhecer na vogal *-o-*

um elemento infixal, pois esta se encontra no interior do vocábulo composto. O verdadeiro caráter da vogal terminal do primeiro elemento do composto é muito mais sufixal (diferentemente do que afirma Li Ching), sobretudo levando-se em conta a produtividade desse tipo de formação e a freqüente redução do composto ao seu primeiro elemento.

Herculano de Carvalho (1963, s.v.*afixo* (p.521)) chega mesmo a identificar no pronome átono em mesóclise um infixo. O exemplo apresentado –*fá-lo-ei*– é altamente questionável: a variante *lo* não é morfema verbal e a existência de *fã-lo* (em comparação com *fã-lo-ei*) constitui um argumento a mais para negar o valor infixal do pronome<sup>2</sup>.

Na *Gramática construtural da língua portuguesa*, Back e Mattos (1972, p.373) assinalam o caráter infixal de *-inho* em nomes próprios masculinos terminados em *-s-* ou *-a-*: *Carlos – Carl-inh-os*, *Lucas – Luquinhas*, *Marcos – Marquinhas*, *Mota – Motinha*. Um exame mais atento dos exemplos arrolados permite-nos rever a questão; trata-se, na verdade, do sufixo *-inho* num comportamento específico. A tendência a dizer *Carlinho* e, com maior freqüência, *Luquinha* e *Marquinho* (além do par *Rubens – Rubinho*, em que na última forma não ocorre *-s*) revela com clareza que o sufixo diminutivo tende a recuperar a sua posição normal; confirmam-no também alguns nomes próprios femininos: *Lurdes – Lurdinha*, *Mercedes – Mercedinha*, em que se verifica a perda do *-s*<sup>3</sup>.

Heckler, Back e Massing (1984, p. XVIII), a respeito do infixo em português, observam:

“Há gramáticos que negam a existência de infixos na Língua Portuguesa, embora possamos apresentar casos, como: *faz, fez, fiz*, em que a alternância vocálica nos parece um verdadeiro infixo. Para haver um verdadeiro infixo, este deve ser um morfema, isto é, uma unidade significativa e não apenas uma unidade funcional. (...)”.

<sup>2</sup> É interessante observar que o pronome átono mesoclítico também foi dado como exemplo de infixo por gramáticos mais antigos. Cf. João Ribeiro (1930, p.118).

<sup>3</sup> Herculano de Carvalho (1973, p.530 (n.34)) assinala também a ocorrência de infixo em *lapinhos*. Contudo, a freqüência maior de *lapinho* confirma a conclusão acima.

A afirmação está, sem dúvida, atenuada, mas cabe observar que a existência de infixos é, aqui, também questionável. Lembre-se que M. Câmara (1964, §50 (p.104)), ao estabelecer a diferença entre morfemas alternativos e infixos, esclarece que estes últimos são morfemas aditivos que se integram num radical existente na língua. Com efeito, retomando o exemplo latino acima mencionado - *uiNco/uici* -, constata-se a ocorrência de *uic-*; já nos exemplos apresentados por Heckler *et alii*, com a eliminação da vogal se obtém *f...z*, que não ocorre como lexema em português. Neste caso, deve-se falar em alternância vocálica (exceto em *faz*); a raiz *f...z* é teórica e só se realiza como lexema com a inserção da vogais *-e-* e *-i-*.

Do ponto de vista diacrônico, temos, aqui, um exemplo de metafoia: *feci* > *fiz*, *fecit* > *fez*. A metafoia constitui o ponto de partida para explicar os numerosos casos de alternância vocálica em nossa língua.

Embora os argumentos acima nos levem a negar a existência de infixos em português, constituem, inegavelmente, veios de pesquisa importantes e exploráveis, como passamos a indicar.

Os fonemas de ligação remetem-nos ao problema dos morfes vazios, que também são representados pelas vogais temáticas verbais e nominais<sup>4</sup>.

No caso de formas como *Carlinhos*, assinalou-se que estávamos diante de um comportamento particular do sufixo diminutivo. Note-se que a variante *-zinho* também apresenta comportamento específico; relativamente ao radical, é menos coesa que os demais sufixos, como se pode verificar pelo plural *leõezinhos*, em que a flexão de número não se dá apenas no final do vocábulo. Com o sufixo *-mente* temos também a flexão da base: *generosamente*. Pode-se, portanto, afirmar que o levantamento de sufixos implica também a referência às suas particularidades de emprego.

---

<sup>4</sup> Saliente-se que as vogais temáticas verbais nem sempre são morfes vazios. No par *amAs* - *amEs* é a oposição *-A/-E-* que permite distinguir o presente do indicativo do pres. do subjuntivo; aqui, a vogal temática é morfema significativo.

Finalmente, nos exemplos de alternância vocálica, cumpre assinalar que esta é um traço marcante nas flexões nominal e verbal do português. Causa, portanto, estranheza o fato de não termos ainda um estudo exaustivo do fenômeno da alternância em nossa língua<sup>5</sup>.

Encerrando nossas considerações, queremos esclarecer que não negamos, taxativamente, a existência de infixos em português; os argumentos propostos pelo diferentes autores aqui estudados não nos pareceram convincentes, o que não significa que não estejamos abertos à consideração de novas propostas sobre o tema em questão.

#### BIBLIOGRAFIA

- BACK, E.; MATTOS, G. (1972) *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo, F.T.D. (I vol.).
- CÂMARA, Jr., J. M. (1956) *Dicionário de fatos gramaticais*. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa.
- \_\_\_\_\_. (1964) *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- CARVALHO, J. G. H. de (1963) Afixo. In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Verbo (vol.1).
- \_\_\_\_\_. (1973) *Teoria da linguagem*. Coimbra, Atlântida (tomo II).
- CAVACAS, A. D. (1992) *A língua portuguesa e sua metafonía*. Rio de Janeiro, Lucerna.
- CHING, Li (1973) Sobre a formação de palavras com prefixos em português actual. *Boletim de Filologia*, XXII, p.213-25, Lisboa.
- HECKLER, E.; BACK, S.; MASSING, E. (1984) *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo, Unisinos (vol. I).
- HOCKETT, C. F. (1947) Problems of morphemic analysis. *Language*, XXIII, p. 321-43, New York.
- LIMA, M. P. de S. (1945) *Gramática portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio.
- MEILLET, A.; VENDRYES, J. (1960) *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. 3. ed. Paris, H. Champion.
- RIBEIRO, J. (1906) *Diccionario grammatical*. 3. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- \_\_\_\_\_. (1930) *Grammatica portugueza*. 21. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

<sup>5</sup> O que se conhece de mais completo sobre o assunto é a importante dissertação de Cavacas, mas trata-se de trabalho publicado em 1917 (reedição em 1992), a reclamar atualização em alguns pontos.

KEHDI, Valter. *O problema do infixo em português*.

**ABSTRACT:** This article is a survey of the various views about the existence of infixes in Portuguese, followed by critical comments. It aims to show that, most probably, this type of morpheme is non-existent in the language under study.

**Keywords:** infix, vowel gradation, connecting vowels/consonants.